

Do mítico ao lutador bem-humorado: o sertanejo na literatura brasileira

From the mythical to the good-natured fighter: the *sertanejo* in Brazilian literature

Luan Alves Monteiro Carlos^{*}
luan_alvesmonteiro@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Larissa Cristina Viana Lopes^{**}
larissinhafontes@gmail.com
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO: Este artigo objetiva discutir o percurso do modo como o sertanejo é apresentado em obras literárias brasileiras a partir do Romantismo, primeiro estilo em que aparece como personagem, até a intensa liberdade das Tendências Contemporâneas. Fundamentado em discussões sobre sertanismo e regionalismo com Albuquerque Júnior (2011), Almeida (1999), Castro (1984) e Freyre (1976), este trabalho se direciona para um olhar de como o sertão/sertanejo se insere numa “caminho” trilhado dentro da produção literária no trajeto das épocas mencionadas. Deste modo, com o estudo empreendido, entende-se que o sertanejo mítico e depois realista dos oitocentos, modifica-se no forte lutador diante da seca e das injustiças sociais no século XX, utilizando-se da sua força, resistência e bom-humor que lhe são característicos, encarando as árduas sagas com seus únicos recursos, os impalpáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Regionalismo. Sertanismo. Sertanejo. Literatura brasileira.

ABSTRACT: This article aims to discuss the way in which the countryman is presented in Brazilian literary works from Romanticism, the first style in which it appears as a character, to the intense freedom of contemporary tendencies. Based on discussions about *sertanismo* and regionalism by Albuquerque Júnior (2011), Almeida (1999), Castro (1984) and Freyre (1976), this work is directed towards a view of how the *sertão/sertanejo* is inserted in a traced "track" within the literary production in the aforementioned periods. Based on this study, we understand that the mythical and then realistic *sertanejo* of the 18th century turns into a strong fighter in the face of drought and social injustices in the 20th century. He uses his strength, endurance and good humor, which are his characteristics, and faces the arduous sagas with his only resources, the impalpable ones.

KEYWORDS: Regionalismo. *Sertanismo*. *Sertanejo*. Brazilian literature.

^{*} Aluno do curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

^{**} Mestra em Estudos do discurso e do texto pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Introdução

Existe uma vasta produção que traz o sertão para o mundo literário, escritores, pertencentes aos mais diversos estilos de época, que se interessaram por essa temática, colocando em lugar de destaque a paisagem em que o sertanejo vive e dando protagonismo aos tipos regionais que povoam esta terra.

Considerando o sertão como lugar de peculiar vida de costumes condicionados a fenômenos climáticos, este trabalho intenta fazer um estudo que evidencie os modos como o sertanejo aparece em obras literárias brasileiras do Romantismo à contemporaneidade.

Para isso, a pesquisa tem como base discussões sobre a imagem do sertão como região brasileira e do sertanejo como povo, a fim de que se compreenda como a imagem destes aparece nas obras e como esta imagem se modifica à medida que a periodização literária progride, traçando, assim, um percurso da configuração do sertanejo em várias produções.

O artigo se compõe de duas partes: inicialmente, discutem-se conceitos e questões não somente físicas, porém mais profundas que caracterizam o sertão e o sertanejo; seguidamente, far-se-á um percurso por entre obras românticas, realistas, pré-modernistas, regionalistas da década de trinta e contemporaneidade. Por fim, serão feitas algumas considerações a respeito da pesquisa no intuito de compreender esse “caminho” literário que a figura do sertanejo percorre.

1 O sertanejo é “puro”

O sertanismo tem por característica retratar a região sertaneja, sua vegetação, sua condição climática e o ser humano que lá vive. Dessa forma, retrata o contexto em que o sertanejo está inserido através da região, suas ações e seu modo de viver, também as belezas naturais em tempos de fartura e em tempos sofridos impostos pela natureza.

Na literatura, o sertão nordestino passa a ganhar destaque a partir do momento em que os autores enxergam nesse ambiente e em seu povo os grandes representantes da nacionalidade brasileira, isso por ser uma região com poucas influências estrangeiras e com características que melhor representam o Brasil: “À medida em que, desde o século anterior, a imigração estrangeira modificava

profundamente a cultura do Sul do país, o Nordeste veio a se constituir na expressão do que havia de mais brasileiro [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 142). Tem-se, então, a ideia do sertão/sertanejo com certa pureza em relação às demais localidades do país.

A literatura chamada regionalista dá protagonismo a diversas regiões com suas particularidades e enfatizando realidades brasileiras. Na literatura sertaneja, como literatura regionalista, o sertão aparece em um conjunto de obras inseridas na produção regional.

O sertanismo é compreendido por um conjunto de obras regionalistas que trouxe o sertão como ambiente em que se passam ações, e mais que isso, um ambiente que influencia tais ações e o desenrolar da trama. Por isso, quando se fala em literatura sertanista fala-se em regionalismo.

Sobre o regionalismo aqui mencionado, Albuquerque Júnior (2011, pp. 65-66) discute:

A literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de tipos de personagens; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas especialidades literárias diversas.

O regionalismo busca traduzir o Brasil por meio de personagens e sua relação com o meio onde vive, ressaltando as particularidades de cada região, dando protagonismo aos tipos locais como, no caso do sertão, o coronel, o cangaceiro, o retirante. De tal modo, é a realidade de determinada região que revela identidades da nação brasileira, isto é, o regionalismo procura afirmar a identidade nacional por meio da diversidade que é encontrada nas diversas regiões do país.

Sendo o sertão uma região mais “pura”, retratada dentro do regionalismo, é importante compreender que:

Sertão designa, de um modo geral em todo o Brasil, as regiões interioranas, de população relativamente rarefeita, onde vigoram costumes e padrões culturais ainda rústicos. No caso do Nordeste, a palavra possui configuração semântico-sociológica ainda mais definida: aplica-se ali à zona em geral semi-árida do interior, sujeita a secas periódicas e caracterizada em termos socioeconômicos, desde o século XVIII, pelo predomínio da pecuária extensiva (a “civilização do couro”), em contraste com a faixa litorânea, dominada pela cultura da cana e pelo complexo cultural dela derivado (ALMEIDA, 1999, p. 53-54).

O sertão é uma região longe dos grandes centros urbanos e que possui uma maneira de viver bem particular, haja vista que o povo habitante dela vive em constante comunhão com a natureza, dependendo desta para sobreviver. Por ser uma área em que é comum a ocorrência de secas, seus residentes vivem um permanente drama diante desta realidade: ao mesmo tempo que a natureza proporciona seu sustento, também proporciona a catástrofe, tendo essa população que se adaptar a condição de vida que lhe é imposta. Castro (1984, p. 175-176) caracteriza:

[...] Nesta extensa zona semi-árida que constitui a hoje chamada área do polígono das secas, vivem cerca de sete milhões de habitantes, num regime que tem como alimento básico o milho. É esta zona das secas uma área alimentar do milho. Do milho associado a outros produtos regionais, em combinação as mais das vezes felizes, permitindo que, fora das quadras dolorosas das secas, viva esta gente em perfeito equilíbrio alimentar, num estado de nutrição bastante satisfatório, e que nas épocas de calamidade possua energia e vigor suficientes para sobreviver ao flagelo, evitando o despovoamento da região.

Como o autor traz, o sertão é uma região de vida difícil e que acomoda uma grande população, vivendo principalmente do trabalho com a terra, sendo o alimento principal o milho, ligado às questões de nutrição para sobrevivência. Estando salvos (ou não) da seca, os sertanejos são pessoas que vivem muito bem com a sua realidade, sabendo conviver em consonância com o lugar, diante das adversidades possuem a força e a fé para passar pelos momentos de dificuldades e resistir à fome, à morte dos entes queridos. Por essa razão, esse povo resistente continua em sua terra, mostrando uma energia que lhe é única.

Mais quem é esse sertanejo? Em que ele se diversifica dos outros tipos do Nordeste? Albuquerque Júnior (2013, p.186) esclarece sobre as especificidades dos tipos sociais que povoam a região:

O nordestino é construído através do agenciamento de uma série de imagens e enunciados que constituíam tipos regionais anteriores. Para esta construção confluem os tipos regionais que corresponderiam às chamadas áreas etnográficas em que estaria dividida a região, áreas demarcadas por diferenças naturais, pela formação racial particular de sua população ou, mesmo, por um processo histórico de colonização, ocupação e exploração econômica distintas, que seriam: o sertanejo, habitante do sertão das caatingas, do clima semiárido, produto do caldeamento do branco com o índio, ligado à ocupação do interior e à atividade pecuária; o

brejeiro, habitante da zona intermediária entre o sertão e o litoral, áreas úmidas, de relevo mais elevado, produto do cruzamento entre brancos e negros, dedicando-se às atividades de subsistência ou trabalhando na produção de cana-de-açúcar; e o praieiro, que habita as praias largas e arenosas do litoral, produto dos mais variados cruzamentos raciais, dedicando-se à atividade pesqueira.

O Nordeste é constituído por diversos tipos que se diferenciam por: questões naturais – de acordo com o ambiente, as condições climáticas -, as raças – o cruzamento de quais raças resultou neste tipo -, a ocupação – o meio de trabalho e também do modo de vida que levam, como convivem com o meio. Tudo isso *define* tipos regionais e, entre estes tipos, temos o sertanejo, o brejeiro, o praieiro, cada qual com suas particularidades que os fazem singulares com o seu jeito de viver e sua relação com seu pedacinho de Nordeste.

O clima é a principal característica do sertão nordestino, que se destaca pelo tempo seco, com escassez de chuvas, de forma irregular, com altas temperaturas o ano todo e um baixo grau de umidade, o que isenta de diversas doenças tropicais. Decorrente destas irregularidades de chuvas, a fome se apresenta como a principal praga no sertão, que afeta o povo sertanejo, deixando marcas, por vezes, irreversíveis. Toda a paisagem, o solo, a fauna e a flora, a maneira das pessoas viverem, trazem em si marcas provindas da falta de água, ou seja, toda a paisagem sertaneja carrega em si a fisionomia sofrida de uma realidade difícil (CASTRO, 1984).

O regionalismo busca nas regiões essa essência nacional, já perdida nos grandes centros, por meio de costumes, da cultura, modo de vida, e o sertanejo é visto como essa figura ainda pura que muito bem representa a nacionalidade brasileira.

Gilberto Freyre destaca essa brasilidade ausente em grandes centros e ainda viva no Nordeste:

Aviva-se entre os nordestinos a consciência de representarem um Brasil mais brasileiro que o representado no Rio, por exemplo: e sob essa consciência o desejo de procurarem animar a sua vida em expressões novas, modernas, atuais, do espírito tradicionalmente brasileiro (FREYRE, 1976, p. 276).

O autor ressalta essa fuga de origens que acontece nos grandes centros. Lá não se encontra essa nacionalidade genuína que represente o país devido às influências estrangeiras. Já o Nordeste possui raízes profundas com uma cultura viva e uma forma de viver peculiar, que o destaca como uma região na qual se encontra um Brasil sem influências externas, um lugar puramente brasileiro.

O desejo regionalista de mostrar as especialidades de cada região, o que cada lugar tem de bom e de ruim, retratando esses lugares para descortinar um Brasil que não era conhecido pela grande massa, apresentando características legitimamente brasileiras, realiza-se nos interiores onde se encontram raízes preservadas.

Desta maneira, o sertão e seu povo, o sertanejo, ganham grande destaque na literatura regionalista brasileira, isso por manter suas raízes, preservando e valorizando sua cultura, mantendo um modo de vida particular em um lugar que também se diferencia de qualquer outro por possuir uma paisagem única com seus sabores e dissabores.

Com esta consideração, o tópico seguinte expõe e discute um percurso pelo qual o sertanejo/sertão vai aparecendo e se transformando na composição de produções que juntas constituem o conjunto de obras regionalistas no Brasil.

2 O sertanejo na literatura brasileira: antes de tudo, um forte?

A fim de se discutir neste trabalho o percurso que o sertanejo trilha dentro da produção literária brasileira, esta parte do artigo propõe uma “viagem” por meio de obras representantes de estilos literários que trazem este sertanejo como protagonista. Para isso, em cada estilo de época haverá de se expor uma ou duas obras que ilustrem esta perspectiva.

Para compreender o sertão/sertanejo na literatura brasileira tem-se de olhar, primeiro, o Romantismo para entender como se iniciou esta tentativa de mostrar um tipo regional que manifestasse, de forma mais característica, a identidade brasileira, ou seja, uma figura que mostrasse a verdadeira cara do Brasil, um Brasil puro, livre de influências estrangeiras. Na busca por essa a literatura brasileira passa a assumir uma grande tendência nacionalista (ALMEIDA, 1999).

José de Alencar ganha grande evidência, durante essa fase, na tentativa de mostrar um herói brasileiro no qual se pudesse enxergar um representante de nossas origens: “Tratava-se, para a jovem nação, de encontrar heróis e mitos nacionais que pudessem ser contrapostos àqueles com que os românticos europeus vinham povoando poemas e romances históricos [...]” (ALMEIDA 1999, p. 28). Com isso, por meio das personagens em constante harmonia com o ambiente em que vive, nasce o desejo de apresentar um herói brasileiro, uma figura capaz de representar o Brasil com características genuinamente da terra, herói esse que Alencar enxergou inicialmente no índio.

Na sua obra, com fortes características épicas, *O guarani* (1857), Alencar apresenta o índio Peri como o grande herói nacional de atitudes grandiosas. Essa afirmação através do índio já estava sendo alavancada pela poesia de Gonçalves Dias e ganhou auge com o romancista. *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874), formam uma trilogia cujo conteúdo declara o ideal de brasilidade no índio.

Entretanto, o tal ideal de nacionalidade foi aos poucos se exaurindo e outra figura foi ganhando espaço, o sertanejo: “À proporção em que o índio, enquanto potencial de expressão mítico-heróica, começa a se esgotar, outro tipo humano entra em cena: o sertanejo, o homem do interior, das regiões pouco afetadas pelo contato externo” (ALMEIDA, 1999, p.38).

O sertão não é visto como território, mais sim como um ambiente substancial, emocional, cultural em que o modo de vida se apresenta com distinções que o difere das demais regiões. Discutir sobre essa região, logo, serve como uma crítica à cultura de importação, para desfazer o achismo de que tudo que é bom vem de fora e diminuir a subserviência aos padrões culturais importados. Destarte, o sertão vem apresentar a verdadeira essência brasileira onde se escondem verdadeiras raízes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

A “virada” de herói do índio ao sertanejo surge com a obra de Alencar, *O sertanejo* (1875), que, quando a ideia do índio como herói nacional perde forças, aparece como essa figura representante da identidade nacional. A intenção de Alencar nessa obra traduz tudo o que o regionalismo busca, sendo assim a principal obra regionalista romântica.

No Alencar de *O sertanejo* convergem as duas tendências românticas: a de buscar a pureza nas origens – a ação é recuada para o século XVIII, quando o sertão cearense ainda se apresentava em sua primitiva rusticidade (o povoamento dessa região data de fins do século XVII) – e a de valorizar a cultura popular, vista como repositório precioso da “alma de uma nação”. A esses dois movimentos caberia acrescentar um terceiro, caracteristicamente brasileiros: o recuo no espaço, como meio de recuar no tempo e reencontrar a autenticidade (ALMEIDA, 1999, p. 59).

O ambiente em que se passa a obra junto com os costumes das pessoas e o modo bem peculiar de se viver em constante conexão com o meio revelam uma brasilidade não vista em outra região – isso porque as origens estavam preservadas sem interferência de costumes externos, exibindo a “alma da nação”, sua pureza.

Da mesma forma que Alencar fez com o índio, com o sertanejo não foi diferente, pois o construiu dotado de características que o elevam, moldando a imagem de um novo herói nacional. Sobre essa grandeza épica, Almeida (1999, p. 61) acrescenta:

Os dois elementos que ocuparão o centro de interesse da obra são aí apresentados: o sertão e o vaqueiro – o espaço e o herói; ambos em uma ótica de engrandecimento que lhes confere dimensão épica. O sertão e o vaqueiro convergem na figura de Arnaldo, que representa o papel de uma daquelas “individualidades mais pujantes”.

A imagem do vaqueiro, uma figura bem representativa do sertão, é desenhada por Alencar com características grandiosas de herói no romance mítico, o homem sertanejo em concordância com a natureza.

Esta imagem de herói pode ser aqui exemplificada com o capítulo “Alvorço”, quando Arnaldo enfrenta e domina um tigre diante do susto que todos sentiam: “Nessa ocasião ramalhou o mato; logo depois abriu-se a folhagem e apareceu Arnaldo puxando pela orelha a um tigre enorme, que o seguia gacheiro e humilde” (ALENCAR, 2004, p. 68). Todos se admiraram com o ato de coragem do sertanejo ao sair do mato com a fera; além disso, Alencar também mostra a conexão de Arnaldo com o tigre submisso ao herói romântico.

A paisagem retratada em *O sertanejo* é muito importante para a construção da história, assim como é em qualquer obra regionalista, mas que, diferentemente das obras que vieram depois ambientadas no sertão, esta não dá ênfase ao drama

natural, aos temas como a seca, a aridez, contudo coloca em destaque as riquezas e belezas exibidas em tempos de abundância. O tom épico que assume a obra vem da forma de apresentação do sertanejo em comunhão com o meio, uma terra jovem, como é o Brasil do tempo, sendo a obra considerada a de maior êxito no regionalismo mítico romântico. (ALMEIDA, 1999).

O sertão continua a percorrer um caminho por várias épocas e escolas literárias como o Realismo, Naturalismo, Pré-modernismo, Modernismo e Tendências Contemporâneas. Albuquerque Júnior (2013, p. 157) faz um pouco desse traçado:

A própria literatura, do final do século XIX, que participou ativamente não só da construção das identidades provincianas, mas da construção de tipos regionais, que serão incorporados ao nordestino, também estava vazada em modelos científicos naturalistas quando não românticos. Romances como *Aves de arribação*, de Antônio Sales, que tem como subtítulo: “um romance cearense” e que participa da elaboração da figura do retirante das secas e do sertanejo; *O cabeleira* de Franklin Távora, o primeiro romance a tornar o cangaceiro um personagem de literatura; *Luzia Homem* de Domingos Olímpio, que participa da elaboração da figura da ‘mulher macho’ sertaneja, e *O sertanejo*, de José de Alencar, por exemplo, fornecem imagens e enunciados de cunho determinista e racial que serão incorporados à figura do nordestino.

O autor supracitado assinala a presença do sertão e tipos regionais em algumas obras. Numa sequência cronológica, *O cabeleira* (1876), de Franklin Távora, é a obra romântica que vem logo após *O sertanejo*.

A narrativa traz para o mundo da literatura a figura do cangaceiro, tendo como protagonista José Gomes que, junto ao seu pai, de quem recebeu influências do cangaço, e seu bando causam terror por onde passam. Mas ao encontrar com Luísa, um amor que ele estima desde seu passado, antes da vida cruel que leva, com quem decide fugir, deixa a tropa de cangaceiros. Todo o grupo foi preso e o mais valente e perigoso, o cabeleira, ficou livre, já regenerado, pois promete a sua amada não continuar na vida de crimes. Luísa morre e o cangaceiro é preso, todavia mantém sua palavra de não matar mais, é condenado à forca e morre arrependido dos seus atos criminosos. Esta obra, pois, exhibe um sertanejo que, por ter uma realidade difícil e com influxos do pai, segue uma vida na qual, mesmo inclinada à justiça, as influências externas levam a um caminho comprometedor. Sua

regeneração é uma apologia aos valores românticos, por vezes confundidos com os burgueses.

Já *Luzia Homem* (1903), obra do Realismo, traz para primeiro plano a mulher que possui características convencionalmente atribuídas ao homem, pois Luzia é uma retirante que enfrenta uma grande seca com uma força que a fazia se destacar entre os homens. Domingos Olímpio trouxe para o romance a figura da mulher-macho, expressão também muito usada no Nordeste quando a mulher se dedica a funções consideradas mais apropriadas para os homens.

Essa ideia ainda paira nos dias de hoje nesta região, em canções como *Paraíba* do cantor Luiz Gonzaga, a qual mostra que nessa terra de vida difícil até a mulher é “macho”: “Paraíba masculina, muié macho, sim sinhô”. Esse trecho da canção indica a Paraíba como uma terra “de macho”, expressão que aponta, regionalmente, para força, resistência e coragem, em que as mulheres também se encaixam.

Aves de arribação (1914), de Antônio Sales, é essencialmente naturalista. A narrativa traz à tona o ambiente já no seu título, com aves características do sertão e do cotidiano de seus moradores, mostrando a importância que a paisagem tem para manifestar com realismo o lugar e seus habitantes.

Apesar de narrar uma história em tempos bons para a caatinga, a obra, implicitamente, compara personagens às aves de arribação, as quais levantam voo em épocas desfavoráveis. Igualmente, de Ipuçaba, no interior do Ceará, saem personagens como Bilinha e Cazuzza, quando não encontram situação proveitosa para suas particularidades. Ipuçaba só é lugar de escolha quando a fartura preenche as lacunas dos personagens como das aves.

A pré-modernista *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, foi criada a partir de reportagens produzidas pelo jornalista para *O Estado de S. Paulo* no fim da campanha de Canudos. O romance está dividido em três partes: a primeira parte, denominada A Terra, expõe a vegetação durante a seca, a qual toma de conta da paisagem, e suas consequências; a segunda, parte intitulada por O Homem, traz a figura de Antônio Conselheiro, chefe de um grupo em Canudos, capítulo esse que elucida a concepção naturalista de homem como fruto do meio em que vive, condicionado a seguir um caminho determinado, herdado do próprio destino; por fim,

a terceira parte, *A Luta*, apresenta as batalhas que resultaram em muitas mortes de jagunços (MOISÉS, 2012).

De acordo com Albuquerque Júnior (2013), esse romance é um marco na literatura regionalista brasileira, tendo grande importância na busca das origens do país e que aclara um olhar específico sobre características físicas e psicológicas do sertanejo.

Euclides, ao afirmar em seu romance que “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2014, p. 146), evidencia uma característica psicológica desse tipo nordestino, que é ser corajoso e resistente, pois enfrenta todas as dificuldades impostas pela vida sertaneja sempre com a força de um guerreiro que trava as mais duras batalhas contra a seca, a fome, a morte. Essa característica contrasta com a física que esse mesmo homem forte mostra por fora: “A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas” (CUNHA, 2002, p. 146). Euclides afiança que o sertanejo tem uma aparência sofrida, torta, mas é isso resultado de uma vida dura, de luta pela sobrevivência, a aparência se abate e se enfeia, contudo a força que vem de dentro o faz resistir.

O regionalismo sertanista aos poucos vai ganhando novas preocupações. No Romantismo tinha como principal foco mostrar uma figura que representasse o país mostrando as raízes de uma forma mítica. No Realismo, essa mesma figura assume características verossímeis e perde a grandiosidade com que era vista. Já no Pré-modernismo aparece a inquietação em mostrar como vivia o sertanejo, brotando com Euclides um tom de denúncia social.

O regionalismo tem seu grande momento a partir do Modernismo de 1930, talvez porque os escritores que falaram sobre o sertão nesse período viveram essa realidade, pois eram naturais dessa área. O tom denunciador se consolida sempre com intenção semelhante: revelar a região e alcançar de fato uma literatura brasileira que dê protagonismo ao que é da terra.

A segunda geração do Modernismo, também conhecida como regionalismo de trinta, passa a olhar para regiões como o Nordeste com romances que têm como uma de suas principais características a denúncia social, indicando a relação das personagens com o meio em que vivem.

Nos anos 30, uma verdadeira explosão de criação ficcional marca fase nova e particularmente fecunda no desenvolvimento da moderna literatura brasileira. Conquanto o fenômeno não esteja circunscrito ao Nordeste [...] constitui fato inegável que foram os escritores nordestinos que maior repercussão obtiveram junto ao público, de tal forma que para muitos a noção ‘romance de 30’ de tal forma acha-se estreitamente associada à de romance nordestino [...] (ALMEIDA, 1999, p. 203).

O romance de trinta, apesar de não ter se restringido a falar apenas sobre o Nordeste, inspirou-se nele e caracterizou “o forte” declarado por Euclides da Cunha.

Na escrita destes autores regionalistas percebe-se uma grande preocupação em despontar o sertão nordestino real, por meio de descrições minuciosas do ambiente e com a construção de personagens que apresentam de forma verossímil o sertanejo. Autores como Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado escreveram sobre o drama do nordestino, dando relevo aos menos favorecidos para tornar visíveis os problemas que atingem o sertão e a vida do sertanejo, elevando temas como o coronelismo, o cangaço, a seca, a fome e os retirantes.

O chamado “romance de trinta” institui como “temas regionais”; a decadência da sociedade açucareira; o beatismo contraposto ao cangaço; o coronelismo com seu complemento: o jagunço e a seca com a epopeia da retirada. Esses temas, presentes na literatura popular, nas cantorias e desafios, no discurso político das oligarquias, foram agenciados por essa produção literária, tomando-os como manifestações que revelariam a essência regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.137).

O romance de trinta fala de questões que exploram a essência da região sertaneja do Nordeste, representando o seu povo e suas relações com o meio. Vários romancistas criaram obras ambientadas no sertão nordestino, região que tem por característica o trabalho com a agricultura, o sol forte e grandes períodos sem chuva, dando evidência às dificuldades existentes por estas causas.

A vida do sertanejo é marcada pelo drama da terra, pois o seu cultivo é o único meio que possui para trabalhar e sobreviver; conseqüentemente, quando é castigada pela seca, que agrava diretamente a vida das famílias, gera um ambiente de “[...] miséria de suas camadas populares, as injustiças sociais a que estavam

submetidas e, ao mesmo tempo, resgatar as práticas e discursos de revolta popular ocorrido neste espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 208).

As obras que trazem o sertão nordestino como verdadeiro protagonista é uma literatura social, em que se interessa por refletir sobre as injustiças e a classe dominante que se utiliza da força de trabalho dos menos favorecidos, não lhes assistindo nos tempos miseráveis. Daí começa a saga deste nordestino, trilhando seu caminho frente às dificuldades impostas pela vida sertaneja, com os mantimentos se acabando e um sonho de encontrar um lugar com oportunidades.

O quinze (1930), de Rachel de Queiroz, primeiro romance da então jovem escritora e uma das obras pioneiras nessa fase regionalista de trinta, apresenta o sertão nordestino dando ênfase a três aspectos importantes para se enxergar a seca e suas consequências: 1) como a seca atinge pessoas de classe sociais distintas; 2) como cada um reage às dificuldades impostas; 3) e a paisagem que se modifica, virando um cenário de desespero diante da catástrofe natural. Nesta obra, paisagem e personagens entram em constante sintonia e o sofrimento de uma reflete na outra, sertão e sertanejo como um só.

A saga da família de Chico Bento do interior para Fortaleza a pé e sem recursos, e o amor de Vicente pela terra em decadência, resistindo a abandoná-la, retratam sertanejos fortes e amantes de seu lugar de origem. O primeiro sai do sertão pela falta de escolha, o segundo tenta afrontar a seca, diz-lhe não.

Rachel fala com maestria sobre o sofrimento causado por uma seca que marcou época e a vida dos que por ela passaram, a seca de 1915, de tal modo que o título da sua obra se resume a esta data.

Em *Menino de engenho* (1932), José Lins do Rego mostra o sertão sob a ótica de Carlinhos, narrador personagem, que em idade adulta fala de um sertão visto pelos olhos de uma criança. Carlinhos, filho de uma mãe assassinada pelo pai, descobre a beleza da terra e a alegria de viver nela ao precisar morar com o avô:

— Agora vamos saltar — disse-me ele.

E na primeira parada deixamos o trem, com grande pena para mim. Na estação estava um pretinho com um cavalo, trazendo umas esporas, um rebenque e um pano branco. O meu tio estendeu o pano branco na anca do animal, montou, e o pretinho me sacudiu para a garupa. Era o meu primeiro ensaio de equitação.

— O engenho fica ali perto.

Eu ia reparando em tudo, achando tudo novo e bonito. A estação ficava perto de um açude coberto de uma camada espessa de

verdura. Os matos estavam todos verdes, e o caminho cheio de lama e de poças d'água. Pela estrada estreita por onde nós íamos, de vez em quando atravessava um boi. O meu tio me dizia que tudo aquilo era do meu avô. E com pouco mais avistava-se uma casa branca e um bueiro grande (REGO, 2003, p. 9).

Não obstante o apego ao passado e receio com o que vai encontrar no seu futuro, as novas experiências levam o personagem a se harmonizar com o lugar onde viveria os melhores momentos de sua vida. Esse contato com a natureza, com os costumes do sertão e, principalmente, com o engenho marca profundamente sua vida desde a infância, pois ainda sob o olhar de criança entende e vive os modos peculiares do cotidiano sertanejo.

Graciliano Ramos vem com a temática sertanista em *Vidas secas* (1938), vista como uma das principais obras acerca da realidade do sertão. Esse romance tem como principal foco uma família de retirantes de pouca instrução e que se sente inferior à sociedade.

Fabiano, Sinha Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia compõem os retirantes numa saga tão seca quanto a da família de Chico Bento em *O quinze*. A seca como castigo, como catástrofe, como impulso para mudanças obrigatórias, mas nem por isso bem-vindas, é também característica da vida seca dos personagens de Graciliano. O “bicho” Fabiano é o retrato do resignado, do ignorante, do pobre, não qualquer pobre, não qualquer bicho, mas o sertanejo forte, “capaz de vencer dificuldades” (RAMOS, 2014, p. 8).

Os capítulos que iniciam e encerram a narrativa, “Mudança” e “Fuga”, respectivamente, confirmam não somente as mudanças obrigatórias impelidas pelo fenômeno climático, como também o tom cíclico de um sofrimento do qual não se sai.

Jorge Amado trouxe o sertão para sua obra com o romance *Seara vermelha* (1946). O baiano pinta um sertão com muitos tipos sociais que habitam este ambiente, fazendo uma representação completa do lugar onde a natureza é pano de fundo para o desenrolar de diversos fatos. A família de retirantes é o principal foco e por meio dela se apresentam outros tipos dessa terra como o cangaceiro, representado por Lucas Arvoredo e seu bando temido por todos; o beato Estevão, que andava todo o sertão seguido por fiéis, levando um conforto por meio da fé para

os que sofriam com a seca (uma lembrança de Antônio Conselheiro?); os retirantes, como Jerônimo e a família.

A fuga da família, saindo de sua terra faz perceber os danos da seca não só na vida destes personagens, mas também na de vários outros diante da descrição do ambiente e dos acontecimentos que se sucedem ao longo da viagem. O autor exhibe uma realidade difícil, na qual a morte e o sofrimento acompanham a família de Jerônimo por onde passa.

Após esta década de grandes mudanças na literatura regionalista, principalmente a que representa o sertão, há outros autores que se destacam ao falar desta temática na geração a partir de 1945.

Uma obra deste momento literário muito importante para o regionalismo sertanista é *Grandes sertões: veredas* (1956)¹, de João Guimarães Rosa. O enredo traz como protagonista o jagunço Riobaldo, ao lado de seu grande amigo, Diadorim, uma mulher que se disfarçava de homem para exercer o papel de jagunço.

Mais uma vez a figura da mulher possui características que, por convenção, a masculinizava, aparecendo de novo no romance a famosa mulher-macho (Sim, sinhô!) que assume atividades rústicas. É por essa mulher disfarçada de homem que Riobaldo nutre um grande sentimento sem saber que não era Diadorim apenas um companheiro de batalhas, porém uma mulher intensa.

Nesta obra as batalhas entre bandos rivais são muito bem retratadas, característica da história no sertão, com protagonismo ao jagunço e às lutas e com uma história de amor irrealizável pelas convenções sociais e pelas circunstâncias das pequenas guerras.

O sertão, assim como em outras obras regionalistas, permanece como fundamental para a construção da obra, sendo relevante de tal forma que já no título aparece esse ambiente, descrito em vários momentos detalhadamente:

Dormiu-se bem. De manhãim – moal de aves e pássaros em revoo, e pios e cantos – a gente toda discorria, se esparramava, atarefados, ajudando para o derradeiro. Os bogós de couro foram enchidos nas nascentes da lagoa, e enqueridos nas costas dos burrinhos. Também tínhamos trazido jumentos, só modo para carregar. Os cavalos ainda pastavam um pouco, do capim-grama, que tapava os pés deles. Se dizia muita alegria. Cada um pegava também sua cabaça d'água, e

¹ Esta obra é ambientada no sertão de Minas Gerais e da Bahia. Mesmo que se caracterize por questões também de fora do Nordeste, a presença do sertão baiano justifica a presença da narrativa neste trabalho.

na capanga o diário de se valer com o que comer – paçoca (ROSA, 2006, p.46-47).

Nesta passagem, pode-se ver o despertar do dia no sertão, onde a natureza é próxima dos personagens com seus costumes e deveres diários. Os animais aparecem como um importante aliado para o sertanejo, como no caso do burrinho e os jumentos para carregarem água, os cavalos que são mostrados em meio à grama, aparecendo o sertão em tempo de fartura ao som dos pássaros. Deste modo, o sertão que se faz presente no romance está descrito com realismo desde a fauna e a flora ao costume do sertanejo e o seu trabalho com a natureza.

Fora da produção romanesca, duas obras desta época merecem destaque quanto à vida sertaneja. São elas *Morte e vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto, e *Auto da compadecida* (1955), de Ariano Suassuna.

Sobre a primeira, o título da obra já esclarece o sofrimento do personagem e da sua trajetória desejosa de um lugar melhor para (sobre)viver e, por isso, migra em busca de tal ambiente que lhe proporcione uma vida digna. O grande entrave desta caminhada é que na procura de vida os encontros são com a morte.

Este é um texto em que morte e vida andam juntas, lado a lado, acompanhando os tipos sociais que povoam o sertão nordestino, os Severinos, nome este que o autor utilizou para denominar o ser humano marginalizado habitante da região. Ao empregar “severina” como adjetivo, a escrita generaliza o termo e fala de um modo de vida específico, o sofrimento causado pela seca. Na passagem a seguir, o retirante cansado exprime a ideia do adjetivo:

— Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais Severina
para o homem que retira).
Penso agora: mas por que
parar aqui eu não podia
e como Capibaribe
interromper minha linha?
(MELO NETO, 1988, p. 79-80)

Severino representa o próprio sofrimento da vida sertaneja e da condição difícil de retirante em busca de vida e encontros com mortes, daí ser esta uma vida Severina da qual queria se livrar quando migrou, porquanto esta vida é “ainda mais Severina para o homem que retira”, para o homem de sobrevida, de busca de esperança abortada pelas mortes também severinas, consequentes não de escolhas, mas de circunstâncias. Embora a morte seja o grande entrave do caminho, o personagem segue-o até encontrar o sorriso de vida. Um forte.

Ariano Suassuna também fala da vida sertaneja com uma característica que o diferencia de todos os outros regionalistas sertanistas: o humor. Ele abrange problemas sociais presentes nesta região de uma forma leve. O drama do sertanejo se transforma e ganha uma alegria que também é uma característica deste povo.

O autor indica que, apesar das causas árduas, o sertanejo é um povo feliz e esperto. Em *Auto da compadecida*, a esperteza do sertanejo é muito debatida em tom de humor por meio do personagem João Grilo, que, pela astúcia (na falta de um recurso palpável), sempre tem uma saída para os problemas.

O texto causa riso ao discutir temáticas sérias como a corrupção na igreja, a exploração do trabalho dos menos favorecidos, a divisão de classes sociais e privilégios. Essa alegria que o escritor coloca em suas obras serve como uma forma de fuga das personagens para não encararem os dissabores do sertão de uma forma tão sofrida. No diálogo a seguir se pode identificar alguns temas debatidos na obra:

ENCOURADO - Ele e a mulher foram os piores patrões que Taperoá já viu.

MULHER- É mentira!

JOÃO GRILO- É não, é verdade. Três dias passei...

MANUEL- Em cima de uma cama, com febre, e nem um copo d'água lhe mandaram. Já sei, João, todo mundo já sabe dessa história, de tanto ouvir você contar.

JOÃO GRILO- Mas eu posso? Me diga mesmo se eu posso! Bife passado na manteiga pra o cachorro e fome pra João Grilo. É demais!

ENCOURADO- Avareza do marido, adultério da mulher. Bem-medido e bem-pesado, cada um era pior do que o outro.

JOÃO GRILO- Está aí Chicó que o diga.

MANUEL- Chicó?

JOÃO GRILO- Ah, é verdade, Chicó ficou. Já estava tão acostumado a aperrear pobre de Chicó que me esqueci de que ele tinha ficado. É um amigo meu.

MANUEL- Eu o conheço, estou até de olho nele por causa das histórias que vive contando.

JOÃO GRILLO- Aquilo é o sol. Não vá ligar isso não. O sol do sertão é quente e Chicó começa a ver demais. É o sol (SUASSUNA, 2014, p.134-135).

Entre outras questões, no julgamento são debatidas temáticas como a exploração do trabalho por meio do padeiro e sua mulher como padrões ruins e desumanos, pois deixavam seus trabalhadores passarem fome e não os ajudavam nem em um momento de doença. João Grilo se compara ao cachorro e se vê tratado pior que o bicho (talvez o bicho Fabiano... João Grilo era também capaz de vencer dificuldades).

Partindo das considerações tecidas sobre as obras, é possível compreender que a literatura sertanista vai gradativamente evoluindo ao longo do tempo, ganhando novas formas e apresentando o sertão e o sertanejo por outras lentes, outros olhares. Pode-se constatar essa mudança que a literatura sertanista passa na caracterização literária feita do sertanejo, ou seja, a forma como esse tipo é apresentado nas obras regionalistas ao longo do tempo. A imagem do sertanejo é inicialmente construída sob uma visão romântica até chegar ao bem-humorado vencedor de dificuldades.

A cada passo que a literatura sertanista dá, vão se realizando coisas novas, a evidência de ambientes e pessoas de uma forma que ainda não tinham sido vistas. Não que essas obras se diferenciem em tudo, no entanto cada uma tem a visão peculiar de seu escritor, que a torna única, e isso vai enriquecendo o regionalismo com obras que se continuam e se completam.

Algumas conclusões

De acordo com a discussão empreendida neste trabalho sobre a presença do sertão na literatura é lúcida uma constante modificação que ocorreu ao longo do tempo na forma que o sertão é representado, tendo em vista que, ao passar por diversos períodos literários, as necessidades e inquietações dos autores mudam.

A temática sertanista está presente em vários momentos da literatura brasileira, percorrendo um trajeto que mostrou o sertão de maneiras distintas, pois a forma romântica como Alencar mostrou *O sertanejo*, engrandecendo-o e dando-lhe ares de herói, é diferente da forma realista que o sertão é apresentado por Antônio

Sales em *Aves de arribação*. Isso pode ser confirmado já na forma como o ambiente é trazido nas duas obras: Alencar não dá prioridade ao sofrimento causado pela seca, preferindo exibir as belezas dos tempos de abundância, diferentemente de Antônio Sales, que já anuncia as mudanças de vida causadas por tempos desfavoráveis.

A mulher-macho de *Luiza Homem* também propõe um anúncio: o do sertanejo forte confirmado em *Os sertões*. Euclides da Cunha eleva a terra e a forma de o homem lidar com esta, apresentando o sertanejo em sua convivência com o outro e suas lutas. Aparece, com isso, uma visão de denúncia social, não sendo somente a apresentação de uma figura, o sertanejo, que represente a nação, mas uma abordagem desta figura que precisa ser vista com outros olhos por esta nação.

No regionalismo de trinta, a grande maioria dos escritores, por serem naturais do sertão, produz romances mais próximos da realidade, criando uma obra engajada com questões sociais, com caráter de denúncia social se fazendo mais presente quase em tom de protesto. Os autores desse período apresentam uma região decadente, onde o sertanejo, que, inicialmente em Alencar, era visto como herói, chega em 30 em *O quinze* de Rachel, *Vidas secas* de Graciliano e *Seara vermelha* de Amado, com a imagem de fracasso, condicionado a trilhar um caminho de miséria, todavia lutando a cada dia para sobreviver a esta realidade.

Na contemporaneidade a temática sertanista aparece junto com a liberdade ainda mais consolidada e cada autor tem um modo distinto de mostrar o sertão. João Cabral, em *Morte e vida Severina*, traz o sertão, em um poema dramático, ligado à morte ou a uma vida difícil de se encontrar. Já em Ariano, o sertão aparece com todas as dificuldades que são comuns a essa terra, porém com o bom-humor sertanejo que também ajuda a vencer dificuldades, causando riso ao discutir temáticas sérias.

O ar de herói plantado em Alencar evoluiu para o forte de Euclides, para o bicho capaz de vencer em Graciliano, muito bem confirmado nos risos de escape em Ariano Suassuna. O sertanejo anda, seja pelos pedregulhos na estrada de barro ou por entre os problemas que o assolam. Ele não para, porque é, antes de tudo, um “bicho” forte.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940)*. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALENCAR, José. *O sertanejo*. São Paulo: Ática, 2004.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A Tradição regionalista no romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

FREYRE, Gilberto. *O manifesto regionalista*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social, 1976.

GONZAGA, LUIZ. *Paraíba*. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/paraiba.html>>. Acesso em: 11 jun. 2012.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2012.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

REGO, José Lins. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.